

## FABULAÇÕES CRÍTICAS ESCREVIVIDAS - AFROGRAFIAS ORQUESTRAIS ESPIRALARES DE PESSOAS NEGRAS NA MÚSICA DE CONCERTO NO BRASIL COLÔNIA

RICARDO FERREIRA DA SILVA<sup>1</sup>  
FELIPE MERKER CASTELLANI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – prof.ricardoferreiradasilva@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – felipemerkercastellani@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar parte do processo de pesquisa e escrita da dissertação no Mestrado em Artes, e entender a relação da colonialidade com os currículos dos cursos superiores em música da UFPEL. A dissertação usa a Fabulação Crítica (Saidiya Hartman) e Escrevivência (Conceição Evaristo) como metodologias de escrita e dialoga os textos “A Terra dá, a Terra quer” (Antonio Bispo dos Santos, 2023), quando aborda a validação de diferentes modos de viver, produzidas no seio das comunidades quilombolas e favelas como produções epistemologias válidas; “Diasporizando a Tradição: Griots e Estudiosos no Atlântico Negro” (Hauke Dorsch, 2020), quando trata aspectos de tradições orais africanas e as práticas musicais como parte indissociável da atuação um mestre griot e seus familiares, em preservação da memória ancestral de africanos em diáspora; e “Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela” (Leda Maria Martins, 2021), quando utiliza o conceito de tempo espiralar como alternativa para pensar relações com o tempo na preservação memorial, material e imaterial das expressões culturais afro americanas.

### 2. METODOLOGIA

A fabulação crítica é um método de escrita que combina a pesquisa histórica com a ficção para criar narrativas que tomem o lugar das lacunas na história oficial. Esse método foi elaborado pela autora americana Saidiya Hartman para completar histórias pouco documentadas e contadas, tornando possível que figuras agrupadas pelo registro histórico ganhem voz e se tornem existências plurais. Com a finalidade de romper com silenciamento, mitigar a fabricação de ausências e reequilibrar a violência presente nos arquivos históricos, a fabulação crítica mostra a existência de africanos em diáspora que no processo de escravização foram reduzidos a simples corpos para o trabalho ou para exposição. A fabulação crítica se coloca como o híbrido entre a literatura e história, o estético e o político, bem como a ficção e não-ficção.

Em diálogo com Hartman, trago Conceição Evaristo no sentido de entender a importância da autoficção como forma de validação de experiências coletivizadas do povo negro. De acordo com Soares e Machado,

Na obra *Becos da Memória*, Conceição Evaristo reflete que, em uma escrevivência, “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas”. Isso se dá em um processo em que a autora se coloca no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente

particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se comprehende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. Evaristo, refletindo sobre o conceito, considera que "o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si". (SOARES; MACHADO, 2017. pág. 206)

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerar o contexto histórico em que se estabelece o ensino formal de música no Brasil, que tinha como base o padrão conservatorial europeu, percebe-se influências diretas da hegemonia europeia na elaboração do currículo dos cursos de música. De acordo com Pereira (2012),

A visão de música, de músico e, por conseguinte, de ensino musical forjados no conservatório pode ser caracterizada como hegemônica na medida em que, quando experimentados como práticas, são tidos como a versão natural do possível, como realidade, como verdade. Contudo, deve-se ressaltar que não é uma organização estática, apesar de durável e estável; ela é re-produzida e atualizada a todo instante, impulsionadas pelo movimento da história, sem perder suas características principais. (PEREIRA 2012, pág. 121)

O texto "A Terra dá, a Terra quer", de Antônio Bispo dos Santos (2023) contribuiu para que fosse possível a fabulação de um personagem que aborda a importância de pensarmos a produção cultural como um bem compartilhado. Quando fala dos compositores do reisado, Santos (2023) aponta para a importância de refletir sobre a necessidade de validar outros modos de viver existir, sendo umas das bases do pensamento contra colonial do autor quando se posiciona contra a cultura cosmófóbica-monteista, que associada ao viés capitalista busca transformar tudo e a todos em mercadoria. Conforme aponta Santos (2023):

O teatro, assim como qualquer outro tipo de arte que é mercantilizada, bloqueia a conversa das almas, porque a arte é a conversa das almas, a arte alimenta a vida, ela não deve ser mercadoria. Ninguém sabe quem compôs as cantigas do Congado, não existe uma patente, todo mundo pode cantá-las. Todo mundo pode tocar as caixas do Congado nos ritmos e nas músicas que o povo compôs. Não se sabe a autoria da maioria das cantigas cantadas no quilombo. Um artista dos nossos uma vez explicou que não escrevia para vender: "Escrevo para o povo cantar, se você quiser cantar, que cante, a música está aí. Por que você precisa comprar uma música para cantar se todo mundo já está cantando? Cante a música, moço!". (SANTOS, 2023. pág. 16)

Neste sentido, a figura do mestre quilombola Antônio Bispo Santos (2023) e Leda Maria Martins (2021) colaboraram para a criação de alguns personagens que integram a fabulação crítica da dissertação, entre os quais destaco um mestre griot, que faz uso do conhecimento ancestral africano para preservar as práticas musicais artísticas da comunidade. Em sua atuação como conselheiro, sua sabedoria traz coesão à busca por aspectos relacionados à construção de

subjetividades de pessoas negras atuantes na prática da música de concerto no Brasil Colônia nos sécs. XVII e início do XVIII.

Esta caracterização do personagem também foi possível a partir da aproximação com o texto de Dorsch (2020), quando trata aspectos da tradição oral africana em conjunto com as práticas musicais como parte indissociável da sua atuação como um mestre griot e a preservação da memória ancestral.

O pensamento de Leda Maria Martins (2021) propiciou pensar o tempo a partir da cosmovisão de ancestralidades africanas. O texto *Performances do Tempo Espiralar* colaborou para que fosse possível pensar o envolvimento do personagem principal, que numa experiência de transe, consegue se deslocar espiritualmente para o momento da cronologia histórica em que se passa a trama. A fabulação desse personagem em diálogo com esse texto permitiu repensar as relações entre o tempo e preservação da memória ancestral a partir de expressões culturais artísticas de povos africanos em contextos de diáspora.

### **Aspectos da Fabulação Crítica e o diálogo com os textos da disciplina**

A fabulação crítica que integra o texto da dissertação “envolve” a trama em um cenário situado historicamente entre o presente e a passagem do século XVII para o XVIII. O jovem pesquisador, negro, quilombola, violinista e compositor recém formado, busca alinhar suas perguntas de pesquisa para finalizar seu projeto de mestrado, enquanto busca respostas sobre sua trajetória ancestral africana. Ao descobrir um ponto riscado<sup>1</sup> em uma partitura antiga de autoria de um compositor negro francês chamado Joseph de Bologne<sup>2</sup>, enquanto compra livros no sebo de um casal de amigos, acaba por descobrir uma questão de pesquisa em potencial para “envolver” seu projeto. Auxiliado por seus amigos, estreita os laços com sua ancestralidade no processo de feitura desse projeto, enquanto a espiritualidade presente nos momentos da história em que ocorre as pesquisas o aproxima das respostas de suas perguntas de pesquisa.

O acesso ao acervo historiográfico do sebo permite que o jovem pesquisador acesse o texto “Músicos negros no Brasil colonial: Trajetórias individuais e Ascenção Social (segunda metade do sec XVIII e início do XIX)” (SOUZA e. LIMA, 2007), que lhe fornece informações sobre práticas musicais de pessoas negras na música de concerto no período colonial. A partir do contato físico com artefatos sagrados encontrados nesse ambiente, ele se aproxima espiritualmente de um mestre griot tocador de kora, um conselheiro que aproxima a tradição musical griô com as novas tecnologias de produção musical, se apropriando destas para o “envolvimento” se subjetividades a partir de vivencias de musicos negros atuantes na difusão cultural da música de concerto.

O “envolvimento” dessa parte da fabulação foi possível em contato com o texto “Diasporizando a Tradição: Griots e Estudiosos no Atlântico Negro”

<sup>1</sup>O ponto riscado é uma grafia sagrada usada em religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, a Umbanda, a Quimbanda e a Quiumbanda, que representa a assinatura ou símbolo do Guia.

<sup>2</sup>Joseph Bologne, Chevalier de Saint-George (1745 — 1799) foi um esgrimista, violinista e condutor francês, tendo sido chefe da orquestra de Paris. Ele era filho ilegítimo de George Bologne de Saint-Georges, próspero senhor de terras e senhor de escravos. Durante a Revolução Francesa, Saint-Georges foi coronel da legião de St. Georges, o primeiro regimento formado por negros na Europa, lutando ao lado da República. Foi um dos primeiros músicos no continente europeu conhecido por ter ascendência africana.

(DORSCH, 2020), que lhe forneceu ao personagem informações valiosas sobre a prática musical griot e a preservação de heranças culturais musicais de povos tradicionais africanos no cenário da música de concerto contemporâneas ao redor do mundo.

#### 4. CONCLUSÕES

Na feitura do texto da dissertação, o pensamento contra colonial de Santos (2023) em diálogo com Dorsch (2020) e Leda Maria Martins (2021) encontraram um terreno fértil para que se “envolvesse” uma diferenciação crítica entre expressões culturais hegemônicas e contra hegemônicas no campo da arte. Ao observar os aspectos entre a supervalorização do registro das obras e memórias dos compositores da música de concerto, explicitado na forma de culto à preservação da supremacia artística hegemônica sobre as demais formas e estilos de compor e interpretar, a fabulação que integra a dissertação busca chamar a atenção para a existência de outros modos de criação, de pensar e se relacionar com a arte, bem como a importância da validação epistemológica de expressões culturais artísticas em favor da preservação do memorial imaterial da comunidades quilombolas e periféricas.

A importação da forma de se classificar arte musical, bem como seu emprego na manutenção do imaginário popular de um brasileiro europeizado balizaram a formulação de currículos das licenciaturas e cursos superiores em música no Brasil (QUEIROZ, 2023). Este modelo curricular vigente em grande parte das instituições de ensino perpetua padrões que invalidam e fabricam ausências da representação de diversidades artísticas não europeias.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORSCH, H. *Diasporizando a Tradição: Griots e Estudiosos no Atlântico Negro*. Contemporânea. Revista de Sociologia da UFSCar, v. 10, n. 3, p. 1125-1156, 2020.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PEREIRA, M. V. M. *Ensino Superior e as Licenciaturas em Música: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares*. 2012. 279f. Tese (Doutorado em Educação). Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Curriculos criativos e inovadores em música: proposições decoloniais*. In: BEINEKE, Viviane (org.). Educação musical: diálogos insurgentes. São Paulo: Hucitec, 2023. p. 191-241.

SANTOS, Antonio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ubu, 2023.

SOUZA, Fernando Prestes de. LIMA, Priscila de. *Músicos negros no Brasil colonial: Trajetórias individuais e Ascenção Social (segunda metade do sec. XVIII e início do XIX)*. Revista Vernáculo, n.19 e 20, 2007.